

Sobrenome famoso não seduz eleitor

Urnas reprovam Tadeu, Paulo, Luciana (todos Roriz) e Márcia Kubitschek

JORNAL DE BRASÍLIA

Ao contrário do que ocorre em diversas regiões do País, onde o sobrenome de famílias tradicionais ajuda na eleição de candidatos — a exemplo do Rio Grande do Norte, estado dominado há décadas pelos Alves e Maia —, em Brasília, os sobrenomes famosos não contribuíram para eleger sequer um político na eleição do último dia 3.

O caso mais conhecido na cidade é o da vice-governadora Márcia Kubitschek, candidata ao Senado, que durante toda a campanha explorou seu parentesco com o ex-presidente Juscelino Kubitschek, do qual é filha. Se nos outros pleitos que disputou, o marketing familiar deu certo, neste fracassou. Não foi eleita.

O carisma do ex-presidente também não contribuiu para eleger seu primo, Ildeu de Oliveira, que se apresentava no horário eleitoral gratuito ao lado de uma foto de JK, e pedia votos em seu nome. Recebeu apenas 2.932 sufrágios e perdeu a vaga de deputado distrital. Não ajudou também o genro da filha do ex-presidente, Paulo Octávio (PRN), que não conseguiu se reeleger para a Câmara dos Deputados, embora te-

nia recebido expressiva votação. Octávio contou, inclusive, com o apoio explícito da avó de sua mulher, dona Sarah Kubitschek.

Clã — O clã do governador Joaquim Roriz, que concorreu às eleições com três nomes (Tadeu, Paulo e Luciana), também, não teve sorte. O deputado Tadeu Roriz (PP) ficou de fora. Nem mesmo sua condição de empresário bem-sucedido, e sua ligação com o esporte (é presidente da Federação Metropolitana de Futebol), e foi um dos responsáveis pelo desfile da tetracampeã Seleção Brasileira de Futebol pelas ruas da cidade, lhe deram sorte.

O mesmo aconteceu com Luciana Roriz, que conseguiu uma certidão de nascimento provando sua ligação com a família Roriz, teve a menor votação da cidade, oito votos. Paulo Roberto Roriz foi outro candidato a distrital derrotado, apesar do sobrenome familiar.

Os laços familiares também não ajudaram a eleger o candidato a deputado federal Haroldo Meira, filho do senador Meira Filho, que não tentou a reeleição. JK também tinha um homônimo como candidato a distrital em Brasília,

Jairo Kuratomi (JK), cuja sigla não contribuiu para conquistar votos, pois teve apenas 1.065.

Pé-frio — Outra curiosidade da eleição, que deu o que falar, foi o sobrenome Machado, com quatro candidatos (dois federais e dois distritais) brigando por ele. A disputa de três deles na Justiça Eleitoral pelo uso da homonímia na campanha eleitoral, chegou a ser chamada ironicamente de "a briga dos machados". Apesar de disputado o sobrenome Machado é considerado pé-frio. Nenhum dos candidatos conseguiu se eleger.

O candidato a deputado federal pelo PTB, José Machado Filho, obteve 2.079 votos; o outro federal pelo PL, Walter Machado da Costa Filho (Machadão), que caracterizou sua campanha por andar sempre acompanhado por um machado (instrumento de corte), recebeu apenas 356 votos. O distrital José Machado de Freitas (Machadinho), candidato pelo PDT, conquistou apenas 981 eleitores. E a candidata a distrital pelo PP, Anilcéia Machado (que não entrou na briga pelo sobrenome) foi a mais votada, ficando na 2ª suplência na Frente Progressista.